



Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XV, Edição II

Abril de 2017

MENSAGEM DO DIA MUNDIAL DA DANÇA 2017

Breves— 24 Abril 2017



MENSAGEM DO DIA MUNDIAL DA DANÇA 2017 – 29 de Abril

por Trisha Brown (1936-2017)

Tornei-me bailarina devido ao meu desejo de voar. A transcendência da gravidade foi uma coisa que sempre me motivou. As minhas obras não encerram um significado secreto. São exercícios espirituais em forma física.

A dança comunica e expande a linguagem universal da comunicação, dando origem à alegria, beleza e ao avanço do conhecimento humano. A dança tem a ver com a criatividade... e repetidamente... no pensamento, no fazer e na interpretação. Os nossos corpos são a ferramenta para a expressão e não um meio para a representação. Esta noção liberta a nossa criatividade que é a lição essencial e o dom da arte de fazer.

A vida dum artista não termina com a idade, como alguns críticos acreditam. A dança é feita de pessoas e ideias. Na qualidade de espectador pode-se levar o impulso criativo para casa e aplicá-lo na sua vida quotidiana.

Nesta edição:

Precisamos de rugas	2
FACTOS Y FICIONISMOS	4
9 de Abril	6
Vozes da noite	7
Cantinho do Amor	8
Pedro Machado Show €U	10
A Primavera	12
Salvé Julieta	13
A Rádio e Eu	14

Precisamos de rugas

Podem não ser os mais rápidos e ágeis, mas precisamos, e muito dos mais idosos

Só há bem pouco tempo percebi que estou a envelhecer. Acontece a todos, eu sei, mas um olhar mais atento ao espelho revelou-me inesperadamente a inevitabilidade. Pela primeira vez vi a verdadeira cor dos meus cabelos brancos.

Algo que já lá está há algum tempo mas que os meus amigos têm disfarçado dizendo-me apenas que são sinais de charme. Não são! São sinais de envelhecimento. E porque é que isso tem de ser mau?

A notícia foi dada como uma tragédia nacional esta semana. Portugal é dos países com maior percentagem de idosos na Europa. A manchete foi copiada e reproduzida como mais uma desgraça deste país desgraçado. Quase ninguém a questionou ou contrariou, porque há muito que se criou a ideia errada de que ser velho é mau. Aceitamos estupidamente este preconceito e são, por essa razão, cada vez mais os que tudo fazem para camuflar os sinais da idade. Compreendo que seja assustador perceber que não se renovam as gerações, mas ter um país com muitos velhos não é mau. Vergonhoso, sim é, a forma como eles são ignorados, tratados e retratados.

Cresce em Portugal a ideia de que ser velho é perder a utilidade para tudo. Alguém a quem o prazo de validade já expirou e que não pode ser utilizado para mais nada. Deixam de pertencer às categorias que a sociedade de consumo considera relevantes e quase desaparecem. Deixam de interessar como trabalhadores, como consumidores, como leitores, como espetadores. Na procura apenas da frescura da juventude, não percebemos que desta forma estamos a perder o que de mais valioso temos. Os mais velhos.

Ao contrário de Portugal, em muitas outras partes do planeta pensa-se exatamente o contrário. Os jornais, as televisões, a publicidade e até o mercado de trabalho começam a valorizar os que têm mais idade. Numa sociedade com menos filhos, os mais velhos passaram a ser necessários. São eles que ainda têm algum poder de compra, descobriram e utilizam a internet de forma mais eficaz e intensiva, consomem mais jornais e televisão e os que ainda podem viajam e gastam muito em lazer.

A publicidade e a televisão foram as primeiras a perceber isso. Nos Estados Unidos há cada vez mais marketing dirigido aos maiores de 60 anos. Na televisão, as personagens principais passaram a ter mais idade, e até a Jane Fonda, com uns magníficos 77 anos, é a vedeta de uma das principais séries e fechou um contrato milionário com uma marca de produtos de beleza. Em Portugal é exatamente o oposto. Aqui, vergonhosamente, os mais velhos são rotulados, esquecidos e apenas servem para pagar a pesada dívida pública.

Em vez de estigmatizarmos os mais idosos deveríamos pedir a ajuda deles, ajudando-os. Têm muito para nos ensinar e alguns são quadros experientes num país de onde quase todos fogem.



Podem não ser os mais rápidos e ágeis, mas a sua sabedoria e experiência ajudam-nos a evitar erros e a ultrapassar dificuldades. Em vez de os abandonarmos à sua sorte e solidão, devíamos contratar avós e avôs. Pessoas que o mercado de trabalho estupidamente rejeitou, não por falta de competência mas simplesmente pela idade.

É urgente! Portugal tem de deixar de esconder as rugas e de pintar os cabelos. Precisamos, e muito, dos mais idosos. E já agora não se esqueçam de que os próximos velhos... somos todos nós.

João Adelino Faria

Pivô e Jornalista da RTP

Leia mais em www.dinheirovivo.pt

Alice Maria vem a Luanda cantar o fado no “Retiro da Saudade”



Alice Maria vem a Luanda cantar o fado no «Retiro da Saudade»

LISBOA — Ela pertence à actual «dinastia do fado» e está a fazer furor na «Nau Catrineta» que, na Alfama, em Lisboa, mantém as tradições da Canção Nacional.

O Pinto da «Petisqueira», veio de fuga a Lisboa e andou à pesca de elementos para actuarem no seu «Retiro da Saudade», que será um cantinho fadista na Luanda portuguesa.

A Alice Maria foi uma das escolhidas. Revelou-nos ela, um dia destes, satisfeita por esta deslocação a Angola.

— Por quanto tempo vai?
— Por três meses, desta vez.
— Nunca foi a África?
— Não! É a primeira vez. Mas tenho a certeza de que me darei bem, porque toda a gente me tem feito as melhores referências ao público angolano.
— Você será, depois, mais uma «propagandista» das coisas africanas. Tenho a impressão, de resto, que os três meses do seu contrato se prolongarão.
— Oxalá!
— Quando parte?
— Muito brevemente.
— Ótimo! Boa viagem e até à vista.
— Obrigado. Quer alguma coisa para lá?
— Sim, quero! Um abraço a Luanda e um recado: voltarei, talvez, muito em breve...
D. F.

Lisboa – Ela pertence à actual “dinastia do fado” e está a fazer furor na “Nau Catrineta” que, na Alfama, em Lisboa, mantém as tradições da Canção Nacional.

O Pinto da “Petisqueira”, veio de fuga a Lisboa e andou à pesca de elementos para actuarem no seu “Retiro da Saudade”, que será um cantinho fadista na Luanda portuguesa.

A Alice Maria foi uma das escolhidas. Revelou-nos ela, um dia destes, satisfeita por esta deslocação a Angola.

- Por quanto tempo vai?

- Por três meses, desta vez.

- Nunca foi a África?

- Não! É a primeira vez. Mas tenho a certeza de que me darei bem, porque toda a gente me tem feito as melhores referências ao público angolano.

- Você será, depois, mais uma “propagandista” das coisas africanas. Tenho a impressão, de resto que os três meses do seu contrato se prolongarão.

- Oxalá!

- Quando parte?

- Muito brevemente.

- Ótimo! Boa viagem e até à vista.

- Obrigado. Quer alguma coisa para lá?

- Sim, quero! Um abraço a Luanda e um recado: voltarei, talvez muito em breve...

D.F.

in “Jornal de Notícias”

Anos 50

FACTOS Y FICCIONISMO**Afonso Henriques**

(No dia em que o homem chega à Lua)

O adro

No vestíbulo da igreja, e chegados a um canto, dezenas de lampiões fumegam luz. Num morro, à esquerda da igreja, velhos canastos: uma tanchoada, na calçada até ao morro, encosta-se ao casario de pedra nua e parda. No adro, cruzeiro frente ao vestíbulo da igreja. À direita, um muro baixo e o gradeamento do cemitério velho. Tónio, fardado de legionário, Saul e Ricardina, juntos ao gradeamento, seguram lampiões acesos. Na igreja, murmúrio de rezas, a luz a coar-se pelo vitral que encima S. Pedro engastado num nicho. Fisga de luz por uma porta entreaberta derrama-se pelo adro. Um embuçado e o abade saem da igreja, fendem o derrame e somem-se pela porta: o abade cerra-a com estrondo.

RICARDINA --- Telmo é o culpado.

TÓNIO --- Abô! O grande culpado.

SAUL --- Mas quem nos diz mesmo...

TÓNIO --- Tá bou... Duvida, ti Saul?

SAUL --- Eu não vi.

RICARDINA --- Nenhum de nós podia lá estar para ver.

TÓNIO --- Mas disse-lho o rádio da professora.

RICARDINA --- E todos viram na televisão do Matolas. Até o senhor Flávio, na televisão dele, mais o senhor Jonas.

TÓNIO --- O senhor abade até torceu o nariz, na latoaria, zangado com o senhor Jonas e com o isqueiro.

SAUL --- O senhor abade?

TÓNIO --- Disse-me: «Uma desilusão magoa mais que um coice». Abô!

RICARDINA --- E a correr para o passal... A sotaina a dar a dar: «Até o senhor Jonas! Até o senhor Jonas acredita que o homem chegou à Lua».

TÓNIO --- Vai a Viseu, fazer queixas ao bispo.

RICARDINA --- Disse: «O mundo está de cangalhas».

TÓNIO --- Até fez medo com o seu ar fechado. Abô! Disse-me: «Dá-me gasolina para o isqueiro». Estaria com medo de entrar no céu com o isqueiro sem gasolina?

RICARDINA --- Uma desgraça. Uma grande desgraça, ti Saul.

TÓNIO --- O fim do mundo.

SAUL --- Outro fim do mundo, como o do fogo na floresta?

RICARDINA --- E Telmo é o culpado!

TÓNIO --- Sempre a atazanar a minha mãe (*arremeda*): «Ainda havemos de ir à Lua, num grande pássaro de ferro». A minha mãe abespinhava-se e corria logo a confessar-se.



RICARDINA --- Palavras que eram um pecado. Quem as ouvia ficava também em pecado.

TÓNIO --- Tá bou... Por causa daquele bisnau...

RICARDINA --- Que houvera de fazer?

TÓNIO --- Tá bou! Correes à confissão.

(O embuçado despede-se do abade à porta da casa, no clarão, entra de novo em casa e semicerra a porta: a réstea subsiste e alonga-se, no adro. Ouve-se um ronco e o arranque de um carro).

SAUL --- O abade abalou.

TÓNIO --- Vai a Viseu. Eu não invento. Abou...

RICARDINA --- Que vá na esteira de Deus.

TÓNIO --- E o bispo lhe empreste a fisga.

SAUL --- Qual fisga?

RICARDINA --- A de David. Não sabia?

TÓNIO --- Minha mãe sabe. «O bispo guarda num baú a fisga com que David matou o Golias». Um olho varado por um rebo. Abô! Cumo eu vou fazer ao Telmo, com a minha fisga.

RICARDINA --- Também lhe tenho um verdete...

TÓNIO --- E eu! Dá-me roupas usadas e quando apareço todo janota, olha-me com ar de troça. Apetece-me esganá-lo. A minha mãe é que me obriga. Diz-me: “Veste! Deus fica pé atrás com os orgulhosos e regateia-lhes amor”. E Deus faz como a minha mãe diz, pois não é, ti Saul?

SAUL --- A tua mãe, a falar, é como se a voz de Deus.

TÓNIO --- Abô! E aquele bisnau a tentá-la...

RICARDINA --- Também me tentou com lérias, para me levar à Lua.

SAUL --- E, tu, que fazias?

RICARDINA --- Ria-me.

SAUL --- Davas-lhe pão de centeio.

TÓNIO --- E castanhas piladas.

SAUL --- Aquilo era um festim.

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

9 de Abril

Um velhinho mutilado
Que outrora, fora feliz
Contou-me há pouco o passado
Da batalha de Laliz

Revelou-me esses momentos
E os tormentos em que vivia
E veio à cor do seu rosto
Grande desgosto quando dizia

9 de Abril dia de tanta coragem
De heroicidade e voragem
Que enlutou nossa bandeira
9 de Abril em que o fogo
E a metralha ensanguentou
Nossa trincheira

Contou-me a história inteira
Dessa data de bravura
Dizendo até que a trincheira
Foi p'ra muitos sepultura

E o velhinho mutilado
Que foi soldado sem cobardia
Guardava ainda a medalha
Dessa batalha negra e sombria

Repertório de Linita Marques

Vozes da noite

Vozes que eu oiço de noite

Parecem chamar

Vem escutar!

Juntinho a mim...

Vozes que oiço de noite,

Parecem dizer

Que o meu sofrer

Vai ter um fim...

Ouve essa voz

Vem ouvir

Que não se cala

E aquela rosa a florir

Também me fala

Gemem palmeiras ao vento

Na noite sem fim

Vem escutar, juntinho a mim

Noto na luz do luar

Um estranho fulgor

Oiço a fonte cantando

Me fala de amor

Quando não estás junto a mim

E esta tortura é atroz

Não andes longe e perdido

Quero ouvir querido

Só a tua voz...

Vozes da noite

Vozes da noite ...

Letra de Aníbal Nazaré

Música de Ferrer Trindade

Criação de Maria Candal, acompanhada pela
Orquestra de Ferrer Trindade

Cantinho do Amor

Amigos, chegou a primavera! Não falo da Primavera do calendário, falo sim da Primavera que enche os nossos olhos e entra sem licença, pela janela do quarto!

As flores, em todo o seu esplendor já me tinham avisado da sua chegada e os melros saltitantes e felizes pululam pela relva numa alegria sem par.

É engraçado que eu até já os cataloguei ... há três espécies de melros: os melrinhos pequeninos e a desabrochar; os melros elegantes vaidosos e atrevidos... e finalmente os melrões, avós barrigudos sabidos,... saltitando com menos ligeireza, mas ainda brincalhões... são os melros da 3ª idade...

Enfim, a Casa do Artista, a nossa Casa, serve de abrigo não só às artes, como também aos filhos da natureza!

Portanto amigos, a natureza está em festa; saudemo-la, com o entusiasmo que ela merece!

...

As pessoas renovam-se com Ela. Pode o físico, por vezes não ajudar, mas o espírito reclama beleza, alegria de viver e saborear devidamente o que ela tem para nos oferecer. Entreguemo-nos deliberadamente a essa oferta!

Façamos parte desta vida que desabrocha à nossa volta em ciclos permanentes, numa renovação que nos torna felizes! Amigos, estão prontos para a usufruir?

Façamos deste período, um período de festa esquecendo momentaneamente todo o turbilhão de sofrimentos que vão pelo Mundo! Saibamos usufruir de toda esta beleza que a vida teima em oferecer-nos. Não desistam!

Devemos estar prontos para aprecia-la em toda a sua intensidade! Saibamos recebe-la com o carinho que ela merece!

Rendamo-nos à sua beleza ao seu “feeling”... como agora se usa dizer... que ela nos transmite!

Viva

a

Primavera!

E já que falamos da Primavera lembramo-nos dos magníficos versos de Florbela Espanca, tão conhecidos e tão apreciados! ...



AMAR

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e a toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!



Recordar? Esquecer? Indiferente! ...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder, pra me encontrar...

Despedimo-nos com um abraço primaveril. Até sempre!...

JF

Agradecimento

Como todos sabem, tive um acidente, caí no passeio e tive de ir parar ao hospital.

E quero aqui prestar publicamente os meus agradecimentos a todos sem exceção que me acompanharam e me acarinharam durante esse período.

A todos os meus colegas e a todos os colaboradores que foram excepcionais em carinho e atenção para mim.

A todos os meus sinceros agradecimentos. Bem-Hajam, um muito obrigada com todo o carinho da eternamente grata,

Linita Marques



Lucília do Carmo (Lucília Nunes Ascensão do Carmo) nasceu em Portalegre a 4 de Novembro de 1920 e veio a falecer em Lisboa em 1998.

Aos quinze anos iniciou-se a cantar no Solar da Alegria e em 1 de Abril 1937 entrava para o elenco do Café Mondego como profissional.

Rapidamente criou notoriedade graças ao seu invulgar timbre de voz, excelente dicção e “robotos” (sincopado) que fazia como ninguém.

A GUITARRA DE PORTUGAL (30-11-1937) chamou-lhe **“Uma Nova Cotovia”**, com direito a foto na primeira página.

Tendo casado com o empresário Alfredo Almeida (ele também de saudosa memória para este escriba), fundaram a Adega da Lucília, que viria depois a dar lugar ao famoso Restaurante Típico O Faia, no Bairro Alto.

Mulher belíssima – em qualquer idade – tinha uma imponência que esmagava, mas possuía um coração de manteiga pronto a derreter-se sempre que lhe pediam ajuda.

Foi o caso do pedido que lhe fiz em 1976 para que fosse ao Porto cantar numa Casa de Fados necessitada de urgente auxílio, pois corria o risco de encerrar. E foi.

A casa teve uma enchente anunciada, esgotada que estava já muitos dias antes e o sucesso foi retumbante em todos os sentidos.

Pernoitou num “hotelzinho modesto mas limpinho” (como fez questão de antecipar) e não cobrou um chavo de cachet. Teve uma carreira lindíssima e deixou-nos uma notável discografia.

Os últimos anos de vida foram um suplício para si, para os familiares mais próximos e para todos nós Lucilianos empedernidos ...

Foi na noite de 16-6-1976 que, satisfazendo o meu pedido, Lucília do Carmo cantou, com o maior sucesso, na “Taverna de S. Jorge” – Porto, acompanhada por Samuel Paixão – guitarra, Jorge Barradas – viola e Pedro Machado – baixo.

(Imagem: Lucília e Pedro na Taverna S. Jorge)



Autor: Pedro Machado



Para recordar...
Ou saber como era
antigamente!

Primavera

Chegou a Primavera, que alegria!
Onde a vida se afirma e floresce
Da noite cerrada se fez dia
E o fim do sol d'inverno já aquece
Aquece a tal ponto, que incendeia
Se cuidado não tiveres com tua roupa
Pois tem cuidado contigo
Que o provérbio é bem antigo
"pois o lume ao pé da estopa
Vem daí o diabo e sopra"

Autora: Isabel Magro

A Primavera

Outro tempo, outra era
Alegro meu coração
Com flores na Primavera
E muita praia no Verão

No Inverno é natural
Vou passear para o rio
Tem um cheirinho a Natal
Com muita neve e com frio

Vou lembrar esse momento
Isto é verdade não mintro
Mas que Outono tão cinzento
É assim que eu vejo e sinto

Uma época muito boa
Cá no nosso Portugal
Páscoa, flores e Lisboa
Já passou o Carnaval

Vamos deixar de lérias
Vamos a alma lavar
Lá vamos todos de férias
Com amêndoas e foliar

Em Fátima rezo também
É linda a folha da hera
Para mim a minha Mãe
Foi a minha Primavera

Autor: Júlio Coutinho



Salvé Julieta:

A nossa amiga, sócia e residente desta Casa Julieta Fernandes é uma Mulher da Rádio, que no dia 5 de Maio fez anos. Parabéns Julieta.

Como profissional teve muitos colegas, amigos entre os quais os locutores Pedro Moutinho e Armando Marques Ferreira. Esta Senhora foi uma filha exemplar, vivia em Lisboa na zona da Praça das Flores com sua Mãezinha, era assim que a tratava. Quando a Mãe de idade avançada e por motivos de saúde teve de ir viver para um Lar, a Julieta saiu de sua casa e foi com a Mãezinha também para esse lar, até ao fim dos seus dias. Que linda ação, que bonito gesto, que boa filha

Sei dar o valor. Também adorei a minha querida e Santa Mãe.

A Julieta Fernandes faz o favor de ser minha amiga. Eu também gosto muito dela. Tem uma forte personalidade, uma mentalidade para a sua idade muito para a frente e de uma enorme generosidade. Gosto muito de a ter como amiga.

A todos os jantares do dia 24 de Dezembro, noite de Natal que é o dia dos meus anos, lá está a Julieta na mesa do bacalhau com couves, com os restantes nossos amigos a festejar o meu aniversário e a fazer-me companhia, visto eu não ter como ela família. Gosto muito da sua presença. Obrigado Julieta e mais uma vez parabéns. Agradeço toda atenção que me tem dispensado.

Votos de boa saúde e felicidades para si minha Senhora. Bem-Haja.

Autor: Júlio Coutinho

Este pessoal do meu tempo, também envelheceu!

Os nossos favoritos são agora também idosos



A Rádio e Eu

A minha vida toda tem sido de imprevistos, pois fiquei sem pai aos 9 anos e estávamos no ano de 1928.

Naquela época as mães que ficavam viúvas, ainda novas e com um grande problema de fazer de pai e mãe, além de ter o grande desgosto de perder o nosso pai, vítima de um desastre de carro. Com 33 anos ficou com duas filhas de 11 e 9 anos respetivamente para educar. A Fernanda e eu estudávamos música, pois as famílias tanto da minha mãe como do meu pai eram músicos. O meu avô materno era espanhol e tocava violoncelo, tendo feito o último exame com 19 anos e com boa distinção. A grande Guilhermina Suggia conheceu-o e era sua admiradora.

A Fernanda estudou piano e violino. E eu piano e violoncelo. Entretanto, fui para Espanha, onde estive 3 anos e quando voltei deixei o violoncelo, segui o piano, mas com o professor Diego Delpino. A Fernanda também era sua aluna e estudava violino com o violinista Guilherme Ferreira da Orquestra Sinfónica.

Quando regresssei de Espanha continuei nos estudos de música. O tempo foi passando, e uma amiga convidou-me a ir com ela e a avó à Nazaré. Havia um grupo de rapazes e raparigas que à noite se reuniam num café onde havia um piano. Na praia conheci um rapaz de nome Pais Salvação (compositor), e as minhas amigas disseram-lhe que eu tocava. Uma noite fomos ao “Vau” tomar um café e ele faz-me uma partida. Depois de ter tocado anunciou que eu ia tocar. Fiquei muito nervosa de ter auditório e toquei as modinhas de Charles Trenet, e tudo o que estava na moda.

Na manhã seguinte, o Pais Salvação na praia disse-me que tinha feito aquilo para me entalar, mas o público tinha gostado. Como era namoradeiro, mas eu não, confessou-me a maldade. Era um bom amigo. Conto tudo, com estes pormenores, porque o Pais Salvação fez músicas muito bonitas, e escreveu para a Milú.

Quando regresssei a Lisboa, ele foi cumprimentar-me e conhecer a minha irmã. Levava uma música que fez, tocava e quis que nós cantássemos. Pegamos no papel e cantamos a duas vozes.

Quando se despediu de nós disse: “Na quarta-feira faço uma emissão na Rádio Peninsular oíçam que vai lá a Milú cantar temas da minha autoria”. Nessa dita quarta-feira ficámos a ouvir a emissão e no fim o locutor diz: “De hoje a 8 dias estreia-se neste programa um dueto “As Irmãs Remartinez”.

Ficámos enervadíssimas, pois ele não tinha uma atitude normal, porque nem sabia se estávamos interessadas.



Depois do programa foi lá a casa, e nós dissemos-lhe. Você não devia ter tido essa atitude. Nunca pensámos cantar na rádio. E ele respondeu: “Vocês vão cantar canções minhas, sou eu que lhes peço, pois agora ficava mal não cantarem e já tenho os arranjos a duas vozes feitos. E lá fomos nós cantar cheias de nervos.

Graças a Deus agradámos e havia um jornal da tarde, onde o jornalista e comentador da rádio Aníbal Nazaré escreveu o seguinte: “Acabo de ouvir as “Irmãs Remartinez”, um dueto que se estreou hoje na Rádio Peninsular, e venho felicitá-las, pois tenho a certeza que vai fazer carreira.

O Maestro António Melo, que tocava na Emissora Nacional, e tinha sido o pianista da orquestra do meu pai, levou-nos à RDP e fomos apuradas.

E assim, iniciamos na Rádio no dia 4 de Março 1943.

Autora: Nini Remartinez

(Não há machado que corte
a raiz ao pensamento) [bis]
(não há morte para o vento
não há morte) [bis]

Se ao morrer o coração
morresse a luz que lhe é querida
sem razão seria a vida
sem razão

Nada apaga a luz que vive
num amor num pensamento
porque é livre como o vento

Letra de Carlos Oliveira

Música de Manuel Freire

PROPRIEDADE: APOIARTE — CASA DO ARTISTA

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Comemoração do 18º aniversário da Casa do Artista, com a presença do Toy, seguido de um lanche de convívio, no dia 5 de Maio 2017 (sexta-feira), às 15 horas;
- Ida ao Casino de Lisboa para assistir ao espetáculo “Mais Respeito Que Sou Tua Mãe”, no dia 7 de Maio (domingo), às 16:30 horas;
- Apresentação do Boletim Informativo da Casa do Artista, no dia 8 de Maio 2017 (segunda-feira), às 15 horas;
- Atuação do “Grupo Vozes do Estoril—Música Popular”, no próximo dia 11 de Maio 2017 (terça-feira), às 15 horas;
- Recital de Poesia Io Appolloni, acompanhada pelo músico Pedro Machado, no dia 19 de Maio 2017 (sexta-feira), às 15 horas;
- Fados com o Grupo de Fados da UNISBEN (Universidade Sénior de Benfica), no dia 23 de Maio 2017 (terça-feira), às 15 horas;
- Tarde Musical com o “Grupo Coral da Associação dos Amigos do Hospital de Santa Maria”, no dia 25 de Maio 2017 (quinta-feira), às 15 horas;
- Visita guiada à exposição “Teatro em Cartaz”, no Teatro Nacional D. Maria II, no dia 26 de Maio 2017 (sexta-feira), às 15 horas.

No Teatro Armando Cortez:

- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta “O Gato das Botas”, com texto e encenação de Fernando Gomes.
- A Yellow Star Company apresenta o espetáculo “Os 39 Degraus”, com encenação de Cláudio Hochman, com a participação de Rita Pereira, João Didelet, Martinho Silva e Pedro Pernas;